



Representações sobre os Jovens Pobres no Jornal *Daqui*: O Sensacionalismo na Mídia Impressa Goiana¹

Gardene Leão de Castro Mendes²

Resumo

Este trabalho busca verificar como os jovens são significados pela mídia impressa goiana, analisando, especificamente, a cobertura do jornal *Daqui*. A partir das análises feitas, pode-se perceber que o jovem pobre das periferias urbanas é representado nos enunciados do *Daqui* de forma estigmatizada, sedimentando um imaginário no qual a prática de seu extermínio parece ser aceita e autorizada. A cobertura do jornal dá grande espaço para assuntos relacionados à criminalidade e ao preconceito diante do jovem infrator ou usuário de drogas, sendo que temáticas como a cultura, o esporte, a educação, entre outras, raramente são abordadas. Os enunciados produzidos pelo *Daqui* colaboram por cristalizar a aceitação de homicídios de jovens pobres, estimulando a criminalização, o preconceito e a invisibilidade dos mesmos.

Palavras-chave

mídia; juventude; violência; análise de discurso.

Corpo do trabalho

O presente estudo analisou a discursividade presente na cobertura do jornal *Daqui*³ sobre a temática “juventude, violência e criminalidade” durante os meses de fevereiro, março e abril de 2010⁴. Um dos fatores motivadores para a realização da pesquisa foi o aumento exponencial de casos de violência contra jovens no país. Segundo Waiselfisz (2011), coordenador da pesquisa “Mapas da Violência 2011”, nos últimos anos (2004/2008), no Brasil, há um aumento assustador do número de homicídios de jovens. Em Goiânia, nos últimos anos, segundo dados da Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Estado de Goiás, os casos de violência contra jovens aumentaram consideravelmente. De acordo com as informações da comissão, em pouco mais de dois

¹ Trabalho apresentado na modalidade Artigo Científico na IV Conferência Sul-Americana e IX Conferência Brasileira de Mídia Cidadã.

² Professora da FACOMB - UFG, Doutoranda em Sociologia, Mestre em Educação, Pós-Graduada em Assessoria de Comunicação e Pós-Graduada em Juventude, email: gardeneleao@gmail.com.

³ Jornal de formato [tablóide](#) publicado e distribuído pela [Organização Jaime Câmara](#), com grande penetração nas classes C e D da capital, possuindo, atualmente, a maior tiragem de jornais impressos do Estado. É conhecido por fazer uma abordagem sensacionalista e popularesca em suas reportagens, além de suas promoções de troca de selos por brindes e de seu baixo custo.

⁴ A escolha deste período de análise se deu em um contexto de intensas denúncias feitas pelo Ministério Público de Goiás alertando para o aumento contínuo do extermínio de jovens no Estado e devido à impossibilidade de consulta a um arquivo com edições anteriores do *Daqui* na Organização Jaime Câmara.



anos foram registrados 117 homicídios cuja autoria é atribuída a policiais militares. Das 117 vítimas, 48,7% (57 pessoas) não tinham passagem pela polícia (A NOVA DEMOCRACIA, 2007, p.33).

Mesmo comparecendo enquanto vítimas da violência; contraditoriamente os jovens são identificados por várias instituições como arruaceiros, violentos ou perigosos. Estes estereótipos servem como justificativa para a defesa de campanhas promovidas por políticos e instituições, como o caso da proposta da redução da maioridade penal de 18 para 16 anos⁵, que não condiz com a condição juvenil brasileira, já que, como nos informa o Instituto Cidadania (2004)⁶, dos crimes praticados em nosso país, somente 10% são cometidos por jovens, sendo que apenas 1,09% desta população tem participação em crimes mais violentos.

Na sociedade atual, a juventude acaba sendo “coisificada”, tornada, ao mesmo tempo, um fator de risco e de perigo, ou então proclamada como ideal cultural - todas as gerações querem ser ou parecer ser cada vez mais jovens. Vivendo em uma realidade paradoxal, os jovens carregam para si o peso de sempre serem belos, produtivos e, principalmente, consumidores ativos, atendendo às expectativas do mercado e do mundo adulto. Contudo, se nem todos os jovens conseguirem alcançar este ideal, o que sobra para a grande maioria são estereótipos construídos por uma sociedade narcísica que procura “moldar” e enquadrar o jovem à sua imagem e semelhança.

Os meios de comunicação, importantes produtores de formações discursivas dominantes que perpassam o imaginário social, retratam a juventude a partir destes estereótipos pré-fixados, utilizando-se, em vários casos, de argumentos e representações genéricas, conforme relata Carmo (2001, p.11): “no Brasil, a preocupação com o jovem pobre da periferia das grandes cidades muitas vezes surge quando se querem lembrar as cifras alarmantes de violência”.

Diante desta realidade, sabendo da importância da mídia enquanto instituição produtora de discursividades dominantes, senti-me motivada a verificar como os jovens são significados no jornal *Daqui*. Como está descrito pela Organização Jaime Câmara⁷ (2011):

O Daqui é fenômeno de vendas nas classes C e D. Lançado em abril de 2007, o Daqui apresenta as notícias de forma mais compacta, atrativa e com uma linguagem mais acessível. Esta proximidade ao seu público, associada às já conhecidas promoções, garantem ao jornal expressivas vendas e um

⁵ A reforma da maioridade penal no Brasil refere-se aos diferentes esforços visando a redução da idade para a penalização criminal de jovens de 18 para 16 anos. É uma proposta controversa e contrária ao que rege a atual legislação brasileira, segundo o artigo 27 do Código Penal, artigo 228 da Constituição Federal de 1988 e o artigo 104 do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Lei n° 8.069/90).

⁶ O Projeto Juventude, publicado pelo Instituto Cidadania, em 2004, realizou um conjunto inédito de pesquisas sobre a juventude brasileira. Estas ações integraram um programa de governo posterior que trouxe significativas contribuições ao debate sobre as políticas públicas de juventude no país.

⁷ Conglomerado de comunicação hegemônico em Goiás, filiado à Rede Globo, detentor do maior número de veículos de comunicação no Estado (emissoras de rádio, televisão, jornais e outras mídias). Criada em 1938, a empresa atualmente possui onze emissoras de televisão, oito de rádio e três jornais.



público fiel que utiliza o veículo como principal fonte de informação. Com formato econômico e preço popular, busca dar espaço para notícias que influenciam o dia a dia da população e mostra o que de mais importante acontece de forma simples e dinâmica (p.1).

Conforme informa Lemos (2008), o segmento de mídia que ganha maior circulação no Brasil é o de jornais populares como o *Daqui*. Lançado em 2007, ele já é o maior veículo de comunicação impressa de Goiás:

O segmento que mais ganha circulação é o de jornais populares. No pelotão de frente, entre os 30 maiores, são eles que puxam a fila dos índices de crescimento, em especial os mineiros *Aqui MG* (128%) e *Super Notícia* (67%), o goiano *Daqui* (58%) e o fluminense *Expresso da Informação* (27%)... Lançado em abril de 2007, o popular *Daqui* já é o maior jornal de Goiás, repetindo o que havia acontecido no Rio de Janeiro com o *Extra*, e em Minas Gerais, com o *Super Notícia* (LEMOS, 2008, p.38).

Para a realização desta pesquisa, também não posso deixar de situar o percurso que instigou meu interesse para a imersão nestas reflexões. Em 2007 produzi uma monografia durante o curso de Pós-Graduação em Juventude Contemporânea, que analisou a cobertura feita pelo jornal *O Popular* sobre os casos de violência policial contra jovens no período de 15 de abril a 15 de maio de 2006.

Na monografia citada, por meio da teoria do agendamento e do enquadramento, instrumentos de análise do conteúdo midiático, foram verificados enunciados que orientavam o público a uma determinada interpretação dos fatos relativos à realidade da violência policial contra os jovens. Nesta pesquisa ainda foram feitas entrevistas com Divino Rodrigues Barco, membro do *Comitê Goiano Pelo Fim da Violência Policial* e com Silvana Bittencourt, editora do caderno *Cidades* de *O Popular* no ano de 2006.

Diante da análise das informações coletadas, percebi, na época, que o enquadramento feito pelo *O Popular* teve enfoque nos depoimentos e laudos da Polícia Militar do Estado de Goiás, sem dar espaço de resposta ou apresentar depoimentos das famílias das vítimas da violência policial ou do *Comitê Goiano Pelo Fim da Violência Policial*.

A partir destas reflexões pode-se afirmar que, na época, o jornal *O Popular*, em seus enunciados, acabou contribuindo para estigmatizar e sedimentar uma imagem estereotipada em relação à juventude. Ciente que o *Daqui* também é produzido e editado pela Organização Jaime Câmara, busquei, nesta pesquisa, provocar um novo olhar diante das análises anteriores, utilizando agora como referencial teórico/metodológico a análise de discurso francesa. A análise de discurso é uma prática especializada em observar as construções ideológicas presentes em um discurso, considerando não



apenas a materialidade da linguagem, como também sua exterioridade (condições históricas, sociais e culturais).

Representações sobre a juventude na mídia

Ao atuar no plano da representação social, a mídia se consolida como formadora de opinião pública entre os diversos grupos sociais, utilizando-se de recursos discursivos para legitimar seus enunciados. Ao utilizar destas ferramentas discursivas, elaborando enunciados que apresentam sentidos que supostamente representariam “a verdade”, o discurso jornalístico dá sustentação e constrói significações sobre diversas temáticas e atores sociais, dentre eles, a juventude.

Ao pensar como a mídia representa a juventude, existe um paradoxo: se o jovem em nossa cultura é naturalmente concebido como um potencial consumidor e como um padrão de beleza e de vigor a ser seguido; caso não consiga fazer valer tais características, ele é representado pelos veículos de comunicação de forma estigmatizada e excludente.

Ao não atender às expectativas do mundo adulto e do mercado de trabalho, caberá ao jovem pobre pagar um preço muito alto, tornando-se, assim, “aquele que não deu certo”, pois não conseguiu atender à demanda ideal do que se espera dele (aquele que consome, trabalha, estuda, é saudável etc.). Abramo e Leon (2005) relatam como estes estigmas são construídos e reforçados pelos meios de comunicação:

De forma geral, e a grosso modo, pode-se notar uma divisão nestes dois diferentes modos de tematização dos jovens nos meios de comunicação. No caso dos produtos diretamente dirigidos a esse público, os temas normalmente são cultura e comportamento: música, moda, estilo de vida e estilo de aparecimento, esporte, lazer. Quando os jovens são assunto dos cadernos destinados aos “adultos”, no noticiário, em matérias analíticas e editoriais, os temas mais comuns são aqueles relacionados aos “problemas sociais”, como violência, crime, exploração sexual, drogadição, ou as medidas para dirimir ou combater tais problemas (p.25).

Este paradoxo pode ser verificado ainda de forma mais latente nas coberturas sobre jovens moradores das periferias das cidades. Segundo Ramos e Paiva (2007), autoras do livro “*Mídia e Violência - Novas Tendências na Cobertura de Criminalidade e Segurança no Brasil*”, fruto de uma pesquisa realizada pelo CESeC⁸, ao construir uma rede de enunciados sobre os jovens moradores das periferias, percebe-se que a mídia faz uma cobertura estigmatizante, a partir de uma discursividade que reforça sua representação como principais agentes da violência.

⁸ Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Cândido Mendes.



Esta cobertura dá espaço somente aos assuntos relacionados à criminalidade e à violência, sendo que temáticas como a realidade cotidiana destes jovens são quase nunca abordadas por estes veículos.

O mea culpa da imprensa pela cobertura estigmatizante que realiza sobre favelas e periferias é um dos poucos consensos encontrados na pesquisa do CESeC. A maioria dos profissionais ouvidos reconhece que os seus veículos têm grande responsabilidade na caracterização dos territórios populares como espaços exclusivos da violência. Ao mesmo tempo, admite que a população dessas comunidades raramente conta com a cobertura de assuntos não relacionados ao tráfico de drogas e à criminalidade. A cultura, o esporte, a economia e as dificuldades cotidianas enfrentadas pelos moradores desses locais aparecem muito pouco em jornais e revistas, especialmente quando se considera o imenso número de reportagens e notas sobre operações policiais, tiroteios, invasões, execuções etc. (RAMOS e PAIVA, 2007, p.77).

Durante a pesquisa realizada pelo CESeC, os repórteres entrevistados admitiram as deficiências na cobertura relativa à realidade dos jovens moradores das periferias. Contudo, ao que parece, na prática, não há uma disposição real para uma mudança de postura. Os jornalistas citam várias dificuldades para justificar esta ausência, desde a falta de fontes legítimas até uma recepção negativa por parte dos moradores.

Ramos e Paiva (2007) ressaltam que esta recepção negativa aos veículos midiáticos está relacionada ao fato que os jornalistas, na grande maioria dos casos, utilizam como fonte as informações repassadas pela polícia, pelas delegacias ou pelos batalhões militares, efetivando, assim, uma postura unilateral na construção de seus enunciados, ao mesmo tempo em que promove o silenciamento da população das periferias, e conseqüentemente, da juventude que ali reside.

A cobertura da violência, da segurança pública e da criminalidade realizada pela imprensa brasileira sofre de dependência em alto grau das informações policiais. A polícia é a fonte principal - se não a única - na maioria esmagadora das reportagens. Esta predominância das forças de segurança no noticiário foi comprovada pelas pesquisas realizadas pelo CESeC em 2004 e 2006 (RAMOS e PAIVA, 2007, p.37).

Os jornalistas entrevistados também afirmaram que não há como evitar a utilização das informações policiais como principal fonte para a produção das matérias publicadas pelos veículos em que trabalham. Segundo os dados apresentados na pesquisa, das notícias publicadas em grande parte dos jornais do país, um grande percentual (mais de 50%) apresenta como fonte uma pessoa ou instituição ligada a um batalhão da PM ou a uma delegacia da Polícia Civil. “Tal predominância tem



como contraponto a ausência de outros importantes atores sociais, raramente nas páginas” (RAMOS e PAIVA, 2007, p.82).

A consequência deste alto grau de dependência de informações policiais é a construção de estereótipos sobre as populações das periferias, principalmente relativos à juventude empobrecida, que é caracterizada como problema e como autora da violência. Além do silenciamento destes atores sociais, esta dependência diminui a capacidade de crítica diante das ações realizadas pela polícia junto a esta população. A polícia acaba, então, sendo autorizada a cometer abusos sem que haja questionamento por parte dos veículos de comunicação e, conseqüentemente, por parte da sociedade em geral.

Segundo Ramos e Paiva (2007), os jornais sensacionalistas também atuam dentro desta perspectiva, utilizando como principal fonte as informações repassadas por policiais, contribuindo efetivamente para a construção de estereótipos relativos à juventude das periferias, que acaba sendo retratada exclusivamente como autora da violência.

Recentemente, o mercado brasileiro viu surgir uma leva de diários destinados às classes C, D e E. Chamados de populares compactos, são tablóides de custo baixo, e que poderiam oferecer aos moradores de comunidades pobres a chance de se verem retratados de forma mais completa na imprensa. No entanto, esses novos jornais estão sempre associados a um veículo robusto, que lhes fornece o conteúdo. Talvez por essa dependência, eles não conseguiram mudar o tom do noticiário sobre favelas e periferias, pelo contrário, tendem a intensificar os estereótipos e a investir ainda mais no monotema da violência (RAMOS e PAIVA, 2007, p.82).

A ausência de vários tipos de fonte na construção das notícias acaba por gerar uma cobertura limitada, na qual as temáticas relativas aos direitos sociais, por exemplo, são pouco frequentes. O resultado é a pouca pluralidade e o não aprofundamento dos fatos, que acabam dependentes das informações fornecidas por fontes que são, muitas vezes, tendenciosas e que atuam de forma defensiva, como no caso das fontes policiais.

Outro fator que caracteriza a cobertura enviesada da mídia, principalmente dos jornais sensacionalistas, é o tratamento diferenciado para jovens suspeitos pobres e ricos. Segundo as pesquisadoras do CESeC (2007), é frequente ler nos jornais notícias que nomeiam como “traficantes”, “assassinos”, “ladrões” etc. - os jovens empobrecidos mortos durante confrontos policiais, baseadas somente nas informações transmitidas pela própria polícia, sem que haja confirmação jurídica do fato. Os depoimentos dos repórteres entrevistados pela pesquisa relatam que os jovens suspeitos de classe baixa encontram menos oportunidades de defesa do que os jovens das classes média e alta e chegam a

ser obrigados a mostrar o rosto para os fotógrafos, sendo sentenciados pela autoria do crime antes mesmo de seu julgamento.

...Todas as informações contidas na narrativa jornalística parecem apontar para o estabelecimento da manutenção do discurso reinante da violência e da repressão contra jovens infratores, provenientes, geralmente e na grande maioria das vezes, das periferias e dos bairros pobres das cidades grandes. Toda gama de questões tão importantes diretamente relacionadas à violência cometida por estes jovens não aparece, não surge no texto jornalístico. Palavras como “marginal”, “quadrilha” reforçam preconceitos, estigmas contra essa juventude, pondo a sociedade em alerta constante, contra esses “delinquentes”, “malandros”... (RAMOS e PAIVA, 2007, p.7).

Assim, a mídia produz e reforça a construção de estereótipos com relação aos jovens moradores de periferias e favelas, contribuindo para que eles sejam vistos como “infratores”, “violentos”, “perigosos” e merecedores do extermínio. O jovem passa a ser o “bandido” em enunciados construídos ideologicamente com o intuito de propagar e ativar uma memória discursiva que produz no leitor gestos de leitura que confirmam a percepção da juventude como autora da violência, sem maior contextualização ou reflexão. Como relata Pedrosa (2008):

...o tratamento da mídia com relação a estes jovens é o do problema. Essas juventudes excluídas, sobreviventes da periferia, são vistas como uma problemática, não negociada com eles mesmos, não com prioridade às políticas públicas voltadas para a juventude, não como sendo uma questão social-moral-cívica de cada cidadão, não como uma obrigação do Estado, mas com desprezo às suas potencialidades, ao que de construtivo estas pessoas realizam e podem vir a realizar no seu cotidiano, na constituição de uma sociedade mais democrática (p.61).

Portanto, por meio da ficção midiática, que constrói enunciados através de formações discursivas já sedimentadas no imaginário social, que retomam uma memória discursiva anterior, há na população uma crescente crença neste imaginário da juventude como violenta e como problema. A população passa, então, por meio de gestos de interpretação ativados pela memória metálica, a reproduzir este discurso em suas falas e em suas atitudes, sendo, muitas vezes, complacente com a situação de extermínio e de marginalização dos jovens das periferias urbanas, defendendo inclusive ações como a redução da idade penal de 18 para 16 anos. Os enunciados produzidos pela mídia acabam cristalizando tais conclusões previamente construídas, estimulando o preconceito, a invisibilidade e a caracterização da juventude como problema e autora da violência.



Jornal *Daqui* e o critério de adoção de fontes

Após analisar as notícias envolvendo juventude e criminalidade presentes no *Daqui*, foi possível constatar que o jornal realiza uma cobertura a partir de uma discursividade que reforça a criminalização dos jovens moradores das periferias urbanas, que são representados como agentes da violência, baseada principalmente em depoimentos de fontes policiais, efetivando o silenciamento de outras possíveis testemunhas. Além disso, temáticas que poderiam ter uma abordagem positiva, como cultura, lazer, esporte ou mobilizações ligadas à realidade destes jovens quase nunca são abordadas pelo diário.

Orlandi (1997) lembra que ao falar, o sujeito utiliza-se de determinados termos para construir o seu discurso, mas poderia fazê-lo de outra forma. Por isto é importante considerar o silêncio como parte constitutiva do discurso, pois quando uma formulação é materializada, outra é apagada. A autora apresenta a política do silêncio (ou silêncio político) como uma forma de silêncio constitutivo ou sob a forma de censura. No silêncio constitutivo, o sujeito, ao produzir determinado enunciado, silencia outros sentidos possíveis, mas não desejados naquele momento. Já na censura, há a proibição da inserção do sujeito em determinadas formações discursivas, o que afeta a sua identidade e nega a sua possibilidade de dizer. Orlandi (1997) explica:

No autoritarismo, não há reversibilidade possível no discurso, isto é, o sujeito não pode ocupar diferentes posições: ele só pode ocupar o “lugar” que lhe é destinado, para produzir os sentidos que não lhe são proibidos. A censura afeta, de imediato, a identidade do sujeito (p.81).

Neste contexto, a mídia, ao se utilizar da censura como forma de silenciar diferentes sujeitos envolvidos nos acontecimentos retratados, pode levar à monofonia, uma vez que as vozes autorizadas a falar representam apenas uma versão de determinado acontecimento, controlando os sentidos tidos como aqueles que podem ser repetidos, cristalizando, assim, um único modo autorizado de falar e, conseqüentemente, de interpretar determinadas formações discursivas.

Segundo Orlandi (1997), a repetição do que está dito também significa muito e determina determinados gestos de interpretação para o sujeito leitor. Isto porque, ao silenciar, não há um vazio, já que o silêncio deixa ali seus vestígios como uma presença-ausente. O que está dito dá indício de um espaço que significa, reproduzindo o efeito de um discurso autoritário que se repete e se sedimenta enquanto o que é concreto, como o que é dizível e como o que é possível de se interpretar.

Portanto, ao reforçar os sentidos que confirmam diariamente o envolvimento dos jovens das periferias urbanas com o crime e com o uso e tráfico de drogas e ao silenciar outras possíveis contextualizações sobre a realidade destes jovens, o *Daqui* reforça o que é possível de significar,



retirando outras formas de interpretação sobre a realidade destes jovens. Esta estratégia discursiva colabora para que o público leitor do jornal realize leituras parafrásticas, repetindo os sentidos presentes em seus enunciados e não duvidando da suposta transparência e objetividade de sua linguagem.

A ausência de pluralidade de fontes e fatos no jornal acaba por gerar uma cobertura limitada, com pouco aprofundamento. Ao não discutir sobre a realidade dos bairros e comunidades onde os jovens estão, estes lugares são separados dos processos de exclusão que lhes deram origem, reforçando a sedimentação de estereótipos sobre os que ali residem.

O resultado é o não aprofundamento dos fatos, que acabam sendo fornecidos somente por fontes tendenciosas que atuam, muitas vezes, de forma defensiva, como no caso dos agentes policiais. Além disso, este alto grau de dependência reforça a construção de estereótipos sobre os jovens pobres. Kehl (2008) argumenta que os policiais, em muitos casos, precisam apresentar corpos para a sociedade, por meio de notícias publicadas diariamente pelos veículos de comunicação, para provar que estão fazendo seu trabalho contra o aumento dos índices de violência:

...É preciso encontrar suspeitos, enfrentá-los a tiros, mostrar alguns cadáveres à sociedade. Satisfazer nossa necessidade de justiça com um teatro de vingança. A esquizofrenia da condição dos policiais militares foi revelada por algumas notícias de jornal: encapuzados como bandidos, executam inocentes sem razão alguma para, a seguir, exibindo a farda, fingirem ter chegado a tempo de levar a vítima para o hospital... (KEHL, 2008, p.186).

Orlandi (1997) aponta que os sentidos sedimentados no que está dito reforçam efeitos de sentido que levarão o sujeito a ter determinados tipos de interpretação de acordo com o direcionamento reforçado em determinadas formações discursivas. Por isto, ao dizer, diariamente, que os jovens pobres, usuários de drogas, infratores e moradores das periferias urbanas são merecedores do extermínio, este discurso será cada vez mais sedimentado no imaginário de seu público leitor.

Portanto, ao promover uma cobertura de mão única, o *Daqui* produz e reforça a produção de estereótipos sobre a juventude das periferias, contribuindo para que ela seja vista enquanto “perigosa”, “violenta”, “infratora” e, conseqüentemente, como merecedora do extermínio. A partir de enunciados que são repetidos diariamente no jornal, por meio da paráfrase, é ativada uma memória metálica que produz no leitor gestos de interpretação que confirmam a criminalização destes jovens.

A cristalização deste discurso permite que seus efeitos ideológicos sejam tomados como “verdades universais”, não possibilitando ao público leitor do jornal outros tipos de significação, fazendo com que a violência seja considerada como algo comum e necessário para controlar jovens. Por meio da ficção midiática, há na população uma crescente crença neste imaginário, passando a



reproduzi-lo em suas falas e em suas atitudes, sendo, muitas vezes, complacente com a situação de extermínio dos jovens das periferias urbanas, estimulando o preconceito, a invisibilidade e a criminalização dos mesmos.

Com a propagação de aspectos pejorativos vinculados à sua imagem, estes jovens são atingidos pelos efeitos da degradação da mesma, sendo reiteradamente focados sob as óticas da violência, do extermínio ou do bizarro. Ao reforçar tais estereótipos, estes veículos sensacionalistas acabam sedimentando uma representação deturpada sobre os jovens, deixando como registro apenas o trinômio “violência-pobreza-juventude”.

Considerações finais

Ciente da importância da mídia enquanto instituição promotora de discursividades que provocam gestos de interpretação no público leitor, transformando o que é acontecimento em realidade factual, a proposta deste trabalho foi verificar como os jovens são significados pelos veículos de comunicação impressos goianos, tendo como *corpus* de análise o jornal *Daqui*.

Pode-se perceber que o *Daqui* pode ser enquadrado como um veículo de comunicação sensacionalista, com tons espalhafatosos em seus enunciados, buscando atrair a atenção do seu público leitor por meio de estratégias discursivas como o uso de manchetes chamativas e de uma configuração visual que serve para dar maior destaque aos assuntos pautados. O público leitor do diário, assim como anunciado por seu editor, Luciano Martins, seria aquele que “não teria condições de problematizar enunciados com maior nível de elaboração e de aprofundamento”, recebendo um lugar secundário na segmentação de mercado.

Ao analisar os enunciados do *Daqui*, por meio da utilização de uma linguagem informal, como em um “bate-papo”, pode-se perceber que o jornal tenta promover aproximação constante com o seu público leitor, buscando chamar sua atenção, aguçar sua curiosidade e se tornar cada vez mais íntimo do mesmo. Por meio da utilização de adjetivos e termos com apontamentos valorativos, o diário também apresenta, de maneira marcante, uma formação discursiva moral burguesa que apela para a preservação da moral e dos “bons costumes”, julgando os personagens retratados em suas matérias por meio de adjetivos que os enquadram enquanto “bons” ou “ruins”.

A imagem, no *Daqui*, comparece enquanto produtora de “verdade”, já que ela elenca o que de importante é noticiado, principalmente por meio da configuração visual da capa. A materialidade de suas imagens se dá por meio de recortes, ângulos e posicionamentos que apresentam determinada representação da realidade, pautadas em destaques intencionais. Diante de tais imagens predeterminadas, que explicam a realidade sem possibilidades de reinterpretação, o leitor do *Daqui*



parece dispensado de pensar, produzindo gestos de interpretação que o induzem a não refletir sobre o que vê e sobre o que lê.

Foi possível perceber que os enunciados do *Daqui* atuam a partir da perspectiva de uma memória metálica, produzindo um discurso parafrástico, repetindo mais do mesmo. Os gestos de interpretação administrados pelo diário acabam por influenciar nas formas de leitura da realidade, priorizando a repetição em detrimento da ressignificação, impedindo os deslocamentos de sentido nos sujeitos discursivos. Ao atuar no plano da representação social, o jornal se consolida como formador de opinião, elaborando enunciados que apresentam sentidos que supostamente representariam “a verdade”, construindo estereótipos e significações sobre diversas temáticas e atores sociais, dentre eles, a juventude.

É importante lembrar que a memória metálica ativada pela mídia, segundo Orlandi (2006), é produzida a partir da retomada de um sentido dado, de forma linear, reduzindo o saber discursivo a um arquivo de informações ideologicamente equivalentes, produzindo efeitos baseados na repetição. Assim, a memória metálica impede os deslocamentos de sentidos, eliminando as diferenças e homogeneizando as possíveis formas de significação.

A partir das análises feitas, pode-se perceber que o discurso do *Daqui* sobre a juventude atua a partir da perspectiva de uma memória que estabelece uma comunicação que estagna e que repete sentidos já ditos, o que não gera reflexão e reforça a criminalização dos jovens. Ao construir uma rede de enunciados sobre os jovens moradores das periferias, percebe-se que o jornal reforça sua representação enquanto principais agentes da violência. Esta cobertura dá espaço somente aos assuntos negativos relacionados à criminalidade e à violência.

Portanto, os jovens comparecem diariamente no jornal tendo suas mortes relatadas de forma espetacular devido a alguma infração cometida, ao envolvimento com o tráfico de drogas ou devido a um suposto confronto com policiais. Em todos os 78 números publicados durante três meses, apareceram 241 chamadas e notícias sobre jovens envolvidos em ações violentas ou criminosas. Por meio de gestos de interpretação predeterminados não sobram outras possibilidades de interpretação para o público leitor, o que contribui para a sedimentação de um olhar estereotipado sobre a juventude.

Pode-se perceber, ainda, que o *Daqui* utiliza como principal fonte as informações repassadas pela polícia, efetivando, assim, uma postura unilateral na construção de seus enunciados, ao mesmo tempo em que promove o silenciamento da população das periferias e, conseqüentemente, da juventude que ali reside. A consequência deste alto grau de dependência de informações policiais é a construção de estereótipos sobre a juventude empobrecida, que é caracterizada como problema e como autora da violência. Além do silenciamento destes atores sociais, esta dependência diminui a capacidade de crítica diante das ações realizadas pela polícia junto a esta população.



Ao não aprofundar a discussão sobre a realidade de favelas e periferias das cidades, estes lugares são separados dos processos de exclusão social que lhes deram origem, sendo caracterizados somente a partir da banalização da violência. Neste contexto, o *Daqui* acaba reforçando a sedimentação de estereótipos, contribuindo para a criminalização da juventude que reside nestas localidades.

A sociedade passa, então, a reproduzir este discurso, sendo, muitas vezes, complacente com a situação de extermínio e de marginalização dos jovens das periferias urbanas. Assim, os enunciados produzidos pelo jornal acabam cristalizando tais conclusões previamente construídas, estimulando o preconceito, a invisibilidade e a criminalização dos jovens.

Ao mesmo tempo em que a mídia sensacionalista criminaliza os jovens pobres através do mito da periculosidade, a realidade mostra dados que atestam o contrário do que é divulgado pelos veículos de comunicação. Conforme apontado no início deste artigo pela pesquisa “Mapas da Violência”, coordenada por Waiselfisz (2011), os jovens pobres, negros e moradores das periferias comparecem muito mais como vítimas da violência do que como autores de crimes. Estes jovens estão sendo exterminados fisicamente e simbolicamente todos os dias e sua morte se torna comum e rotineira aos olhos da sociedade.

Neste contexto, surgem grupos de extermínio que são autorizados a executar jovens em todo o país, sem que haja contestação da sociedade diante de vários crimes cometidos contra jovens. Ao contrário das várias notícias que criminalizam os jovens e que foram capas do *Daqui* nos meses de fevereiro, março e abril de 2010, no início de 2011, surge, em Goiás, neste mesmo ano, uma denúncia da efetivação de grupos de extermínio formados por policiais militares que executaram vários jovens sem que houvesse comoção pública. Apenas após a denúncia sistemática de entidades de direitos humanos, de movimentos sociais e de familiares ligados a jovens que foram executados durante mais de 10 anos no Estado é que houve uma denúncia pública da existência de grupos de extermínio formados por policiais no Estado, conforme divulgado pelo *O Popular*:

Na Polícia Militar (PM) não são incomuns os elogios formais a policiais que matam em ocorrências - nem mesmo naqueles casos em que a morte se dá em circunstâncias obscuras, de difícil apuração de responsabilidades. A Operação Sexto Mandamento da Polícia Federal, que prendeu 19 militares acusados de integrar grupos de extermínio em atuação há mais de dez anos em Goiás, revelou que a alegação "morte em confronto", tão utilizada em relatórios da PM, se tornou um eficiente artifício para justificar execuções sumárias durante ação policial... O louvor à violência, presente em algumas sindicâncias, dificulta ainda mais o trabalho de apuração de responsabilidades e reproduz uma cultura que muitas vezes beneficia o



policial truculento, em detrimento daquele que utiliza expediente de uso gradual da força, segundo a necessidade... 50 pessoas foram mortas em supostos confrontos com a polícia no ano passado em Goiânia. Quase o dobro de 2009 quando 27 pessoas morreram nas mesmas circunstâncias... Existem sindicâncias que enaltecem e indicam promoções a policiais envolvidos em ocorrências com mortes, muitas vezes desprovidas de provas suficientes para sequer inocular esses policiais... (AQUINO, 2011, p.10).

Segundo a denúncia, existem sindicâncias na polícia que enaltecem e indicam promoções a policiais envolvidos em ocorrências com mortes. Em gravação divulgada pelo jornal, um policial afirma "Eu mato. Eu mato por prazer e satisfação (...). Eu nunca irei mudar... Um pouquinho de sangue na farda, né chefe, sem novidade, comandante". (AQUINO, 2011, p.10). Os diálogos da gravação divulgada na reportagem ainda sugerem que membros do Executivo e do alto comando da PM favorecem e acobertam este tipo de atuação. E a sociedade permanece calada diante da execução sumária de jovens pobres, que são criminalizados sistematicamente pela mídia sensacionalista através do mito da periculosidade.

Ciente da importância da mídia enquanto formadora de opinião, como é o caso do *Daqui*, atualmente maior veículo de comunicação impressa de Goiás, é imprescindível refletir sobre a forma como a juventude, principalmente das camadas populares, é retratada em seus enunciados. Conforme já relatado, as formações discursivas reafirmadas pelo jornal perpassam cotidianamente o imaginário de seu público leitor, reforçando a construção de estereótipos sobre os jovens.

É certo que esta pesquisa não se encerra com a realização deste trabalho. Espero que suas reflexões possam contribuir para que ocorram outras discussões sobre a diversidade, a realidade e as várias representações e discursos sobre as juventudes. Algumas perguntas ficam ao produzir estas reflexões: a escola discute ou atua dialogando com os discursos reproduzidos pela mídia sobre a juventude? De que modo o cotidiano escolar é atravessado pelas representações sobre o jovem autor da violência? E os jovens retratados pela mídia? Como eles se veem representados em enunciados construídos cotidianamente sobre sua realidade? Há identificação destes jovens com os discursos midiáticos construídos sobre si mesmos? São questões que instigam minha reflexão e que, espero, possam ser aprofundadas em estudos posteriores.



Referências bibliográficas

ABRAMO, Helena; LEÓN, Oscar; FREITAS, Maria Virgínia. **Juventude e adolescência no Brasil: Referências Conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

A NOVA DEMOCRACIA. **O extermínio de jovens em Goiás**. Disponível em: <<http://www.anovademocracia.com.br/33/19.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2007.

AQUINO, Macloys. Militares matam e recebem elogios. **O Popular**, p.10, 28 fev. 2011.

CARMO, Paulo Sérgio. Juventude no singular e no plural. *In*: HOFMEISTER, Wilhelm. Cadernos Adenauer II, nº 6, **As Caras da Juventude**. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, 2001.

INSTITUTO CIDADANIA. **Projeto juventude**: documento de conclusão. Rio de Janeiro, 2004.

KEHL, Maria Rita. **A fratria órfã**: conversas sobre a juventude. São Paulo: Olho D'água, 2008.

LE MOS, Alexandre Zaghi. **Jornais ganham leitores e anunciantes**. São Paulo: Meio & Mensagem, 2008.

ORGANIZAÇÃO JAIME CÂMARA. **Jornal Daqui**. Disponível em: <<http://www.ojc.com.br/index.php?id=/midias/jornal/index.php>>. Acesso em: 31 jan. 2011.

ORLANDI, Eni. Análise de Discurso. *In*: ORLANDI, Eni; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. **Discurso e Textualidade**. Campinas: Pontes, 2006.

_____. **As Formas do Silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

PEDROSA, Jasson Matias. **Violência, mídia e juventude**: análise sobre o discurso adotado pelo jornalismo impresso sobre a realidade violenta de jovens da periferia da cidade do Natal, Natal, 2008. Dissertação (Mestrado - Ciências Sociais), UFRN.



IX Conferência Brasileira de
Mídia Cidadã
IV Conferência Sul-Americana de Mídia Cidadã

RAMOS, Silvia; PAIVA, Anabela. **Mídia e Violência**: novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2011**: os jovens do Brasil. São Paulo: Instituto Sangari, 2011.